

Título

Resignificando identidades culturais: a relação da comunidade de Serranópolis com as imagens rupestres da Pousada das Araras¹²

Nome dos autores

Pollyanna de Oliveira BRITO MELO; Maria Elízia BORGES

Unidade acadêmica

Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual.

Endereço eletrônico,

pibrito.melo@gmail.com; maelizia@terra.com.br

Palavras-chave: arte rupestre, identidade cultural, sentimento de pertença, Serranópolis.

Introdução

A 450 km de Goiânia, a sudoeste de Goiás, localiza-se Serranópolis, um pequeno município com pouco mais de 7.333 habitantes. Cidade de intensa beleza cênica: diversas cachoeiras, grutas e reservas de Cerrado preservado, no entanto, nenhum destes atrativos desperta tanta atenção midiática e acadêmica como os sítios arqueológicos da Reserva Particular do Patrimônio Natural Pousada das Araras. A Reserva possui seis sítios arqueológicos, dentre os quais, alguns com pinturas e gravuras datadas em mais de onze mil anos atrás e realizadas pelos primeiros e extintos habitantes do Planalto Central brasileiro.

Material

Dos seis sítios arqueológicos da Pousada das Araras, dois destacam-se: o sítio GO-JA-03, também conhecido pelo topônimo “Gruta das Araras”, e o sítio GO-JA-04, também conhecido como “Gruta do Paredão”, espaços arqueológicos que apresentam uma grande quantidade de pinturas e grafismos rupestres e que também (provavelmente por este mesmo motivo) são os mais visitados.

O sítio arqueológico “Gruta das Araras” contém 191 pinturas naturalistas, 263 figuras geométricas e 158 não identificadas. A maioria das imagens encontra-se

¹ Trabalho revisado pela professora Dr^a. Maria Elízia Borges.

² Este resumo traz algumas percepções iniciais do Projeto de Mestrado realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV), Faculdade de Artes (FAV), da Universidade Federal de Goiás (UFG), iniciado em 2010, sob orientação da professora Dra. Maria Elízia Borges e financiado pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).

em paredes acessíveis ao chão; algumas acham-se em certas alturas que supõem uso de andaimes ou suportes semelhantes, como galhos de árvores, para sua criação (SCHMITZ, 1997, p. 42-43). Ou seja, nem sempre eram imagens de fácil realização, tendo provavelmente um forte significado dentro dessas culturas.

É um abrigo aberto, possuindo 80m de extensão e entre 6 a 14m de profundidade. Formado por camadas de arenito e em alguns pontos é extremamente silicificado, proporcionando com isto, excelente matéria prima para produção de artefatos (SCHMITZ, 1997, p. 42-43). O que possibilitou uma luminosidade abundante e conseqüentemente viabilizou a realização destas pinturas e gravuras.

Entre as imagens geometrizes deste sítio, encontram-se linhas retas e curvas justapostas, ou que se cruzam ou encontram, figuras formadas por pontos, retângulos, triângulos, losangos e elipses. “São figuras em vermelho (54%), amarelo (39%), combinação de vermelho e amarelo (6%) e preto (1%)” (SCHMITZ, 1997, p. 43).

As imagens naturalistas da “Gruta das Araras” fazem referência a animais que provavelmente faziam parte do cotidiano desses grupos humanos: lagartos, tatus, tartarugas, macacos, emas, seriemas, araras, papagaios, entre outras aves (SCHMITZ, 1984). Estas imagens não eram realizadas aleatoriamente, mas são resultado das vivências destes grupos pré-históricos, dos seus medos e anseios; da sua luta cotidiana pela sobrevivência.

O sítio arqueológico “Gruta do Paredão”, é composto por duas partes: o abrigo A (formado por uma pequena aba de pouco espaço onde contêm poucas gravuras) e o abrigo B (este possui mais de 100m de extensão e 20m de profundidade e grande quantidade de gravuras e pinturas). O sítio possui um total de 41 figuras, destas apenas cinco são naturalistas, abriga ainda um total de 181 petroglifos, em motivos que variam de linhas retas e curvas justapostas a pisadas de aves (SCHMITZ, 1997, p. 46-47).

Estas imagens são registros arqueológicos e artísticos, patrimônio histórico, material e cultural; que podem resignificar identidades culturais através do sentimento de pertença (alicerçado pela *memória coletiva*, *diferenciação social* e *lugares de sentido social*) e despertar um elo topofílico (relação entre *indivíduo* e *meio ambiente*).

Mas como a comunidade que vive nas imediações destes sítios arqueológicos relaciona-se com estas imagens? Existe algum vínculo de afetividade entre os

moradores de Serranópolis e esses registros históricos? Essas pinturas e gravuras resignificam, ou fortalecem a identidade cultural desta comunidade?

Métodos

Para responder a estas perguntas foi realizada uma pesquisa qualitativa³ em nível de mestrado⁴, utilizando também entrevistas individuais episódicas, método que aborda conhecimentos cotidianos “combinando o pedido para narrar fatos concretos com perguntas gerias sobre o assunto em pauta” (BAUER e GASKELL, 2002 *apud* TAVARES, 2010).

No intento de “capturar” a percepção dos moradores de Serranópolis sobre as imagens rupestres da Pousada das Araras, optei pela coleta de depoimentos, entrevistando alguns moradores da cidade. Nesta etapa, contei com a valiosa ajuda da atual secretária de turismo de Serranópolis, que direcionou-me a alguns habitantes da cidade que, sejam pela sua vivência, experiências ou ofício, poderiam contribuir de forma significativa com a pesquisa.

Tomei a liberdade de utilizar a fala dos próprios atores sociais dentro do corpo do texto da dissertação, para que estes contem suas histórias e percepções, bem como as narrativas de sua cidade e da Pousada das Araras; metodologia que explica-se pela *heteroglossia*. O termo advém da palavra *hetero*, que significa diferente, e *glossia*, que faz referência à oralidade. Ou seja, a heteroglossia dentro do corpo da pesquisa, manifesta-se nas diferentes vozes que juntas contam uma narrativa.

Método que tem sido utilizado dentro dos estudos da História, sendo aplicado à coleta de depoimentos orais, no intento de mostrar outras vertentes ao invés de usar uma fonte única e autorizada (TAVARES, 2010, p. 15). Utilizando-se de micro-narrativas (a narrativa de pessoas comuns em seus contextos sociais) para que acontecimentos históricos sejam analisados à luz dos contextos culturais em que ocorreram (BURKE, 1992 *apud* TAVARES, 2010, p. 16).

³ A pesquisa qualitativa parte do pressuposto da existência de uma relação dinâmica entre sujeito e mundo real, uma interação contínua entre mundo objetivo e subjetividade do sujeito. Uma vez que conhecimento não pode ser reduzido há dados objetivos e isolados; o sujeito integra o processo de conhecimento, atribuindo significado e interpretando fatos que acontecem à sua volta (CHIZZOTTI, 1991, p. 79).

Resultados

Através da voz dos moradores serranopolinos, foi possível depreender que esta relação existe: estas imagens não são vistas de forma indiferente, como outra qualquer, mas possuem significância cultural, nutrindo afetos.

Sítios arqueológicos não são lugares “comuns”, são espaços de memória social e de representação, em que o próprio ambiente forma o sentimento de pertença. Funda critérios de verdade localmente adquiridos, tornam-se verdadeiros porque são historicamente construídos e consagrados (COSTA, 2002, p. 5). Lugares essenciais para a cultura local, pois são identitários, a memória viva e concreta daquela comunidade. Os lugares de valor arqueológico funcionam para as sociedades contemporâneas como geradores de recomposição identitária, revitalizando significados (COSTA, 2002, p. 4). Remetendo-nos ao passado, tornando-se refúgios sociais.

Discussão

A identificação da comunidade de Serranópolis com estas imagens rupestres não é intrínseca, natural de todo aquele que nasce neste município. É uma relação que vem sendo construída diariamente. Segundo o professor Carlos Etchevarne (2010) geralmente não existe uma identificação clara entre a comunidade que vive ao redor dos sítios arqueológicos e esse patrimônio; sendo necessários “ganchos” que puxem, despertem a comunidade para a importância desses registros, a única, aliás, que pode proteger esses espaços.

Se atualmente a comunidade de Serranópolis tem voltado-se para essas imagens, é porque há já algum tempo que agentes culturais têm trabalhado neste sentido: professores, educadores, biólogos, artistas, arqueológicos...pessoas da própria comunidade que têm fomentado ações neste sentido.

Conclusões

Não é possível criar uma identificação clara com as imagens rupestres de Serranópolis, como uma forma de comunicação dos nossos antepassados. Pois quem foram estes grupos pré-históricos, e a que tribos indígenas originaram, é algo que perdeu-se no tempo e na história. Mas esta identificação é possível pela topofilia, relação entre sujeito e meio ambiente, elo afetivo que forma-se pelo espaço, afinal, os serranopolinos residem o mesmo território que um dia foi habitado pelos primeiros grupos humanos do Planalto Central.

Apesar dos trabalhos realizados, dos agentes culturais que têm aproximado a comunidade destes sítios, ainda há muito a ser feito. Dos quatrocentos sítios arqueológicos de Serranópolis, apenas quarenta foram estudados até o momento (Seu Meco *apud* AGUIAR, 2003, p. 67). Existem sítios que estão sendo depredados, desaparecendo com o passar do tempo. Nossa longa trajetória nesse espaço é possível de ser contada através desses registros. E essa trajetória só poderá ser bem esclarecida sem as lacunas deste começo (LIMA, 2007, p. 13).

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Letícia Cesar. **A transdisciplinaridade em Binômio da Costa Lima, Seu Meco**: saberes para o Desenvolvimento Sustentável no Cerrado. 2003, 308f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília. Centro de Desenvolvimento Sustentável. UnB. Brasília-DF, 2003.

ETCHEVARNE, Carlos. Fala proferida durante a mesa: Arte Rupestre. O olhar da sociedade. Realizada durante o **V Seminário de Arte Rupestre da Universidade Federal da Bahia** e III Reunião da Associação Brasileira de Arte Rupestre. Lençóis, Bahia, 2010

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cosac e Naif, 2003.

COSTA, José Carlos Pinto da. **Ser de Carlão**: O espaço de pertença e as representações da identidade como fundamentos da tomada de consciência cultural. 2002. 172 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 2002.

LIMA, Ana Paula Gonçalves de. **Arte rupestre em Serranópolis, Caiapônia e Palestina de Goiás**: reflexões iniciais para um esboço de identidade cultural nas áreas de cerrados do Brasil Central. 2001. 185 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2001.

SCHMITZ, Pedro Ignácio, SILVA, Fabíola Andréa e Beber, Marcus Vinicius. **Arqueologia nos cerrados do Brasil Central. Serranópolis II**. As pinturas e gravuras dos abrigos. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/Unisinos, 1997.

_____. BARBOSA, Altair Sales, RIBEIRO, Maira Barberi, VERARDI, Ivone. **Arte Rupestre no Centro do Brasil**; pinturas e gravuras da pré-história de Goiás e oeste da Bahia. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/Unisinos, 1984.

TAVRES, Jordana Falcão. **Construções, desconstruções e reconstruções**: histórias do grafite contemporâneo goianiense. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual), Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2010.